

SESSÕES DO PLENÁRIO

47ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 22 de setembro de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial para outorga dos Títulos de Cidadão Baiano ao Prof. Kabengele Munanga e à Profª Maria de Lourdes Siqueira proposta pelo deputado Bira Corôa.

Neste exato momento, convido para compor a Mesa a Drª Fábya Reis, secretária da Igualdade Racial, representante do governo do Estado da Bahia; o Prof. Horácio Nelson Filho, diretor da Escola de Administração, representando o reitor da UFBA, Prof. João Carlos Salles; o Prof. Sílvio Luiz de Souza, reitor da Universidade Federal do Recôncavo Baiano; a Profª Georgina Gonçalves dos Santos, vice-reitora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano; o Prof. Edvaldo Boaventura, fundador da Universidade do Estado da Bahia e ex-coordenador de pós-graduação em Educação da UFBA; a Srª Maria de Lourdes Goulart, ex-presidente da Liga Brasileira de Direitos Humanos e membro da diretoria do Comitê de Anistia; a Srª Maria da Conceição Brenha Raposo, ex-pró-reitora de graduação da Universidade Federal do Maranhão e ex-secretária de Educação; o Sr. Carlos Alves Moura, fundador e primeiro presidente da Fundação Cultural Palmares e secretário Nacional da Justiça e Paz na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; o Sr. Antônio Carlos dos Santos, Vovô, presidente do Ilê Aiyê. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial que conduza a este recinto o Prof. Kabengele Munanga e a Profª Maria de Lourdes Siqueira, homenageados na tarde de hoje.

(O Prof. Kabengele Munanga e a Profª Maria de Lourdes Siqueira adentram o Plenário conduzidos pelo Cerimonial.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Assistiremos a apresentação cultural com Paula Gutierrez.

Assistimos a uma abertura do Ilê Aiyê para o qual, mais uma vez, peço uma salva de palmas. (Palmas)

E agora assistiremos também a uma apresentação de Paula Gutierrez.

A Srª Paula Gutierrez:- Boa-tarde a todos e todas, é uma satisfação, professora

Lurdinha, a Mesa composta, sou Paula Gutierrez, do Centro de Cultura Negra, do Maranhão. Viemos também prestigiar essa grande homenagem e contribuir com essa cultura riquíssima e vamos assim, bem singelos, iniciar os nossos trabalhos.

(Apresentação musical)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Como proponente desta sessão e autor da proposição, nesse exato momento, faço um pronunciamento, vou quebrar o protocolo e fazer dali mesmo.

O Sr. BIRA CORÔA:- Uma boa-tarde a todas, uma boa-tarde a todos.

Não posso negar tamanha emoção e vou, inicialmente, pedir uma série de desculpas caso a emoção seja mais forte do que a linha do perfil de sustentação e eu posso, ao longo do processo, tropeçar algumas vezes. É natural.

Sem dúvida alguma, a Bahia se sente muito honrada em acolher como dois ilustres filhos desta terra as duas personalidades que ora estamos a homenagear nesta Casa.

Quero, inicialmente, agradecer a todos os pares desta Casa, porque o projeto aqui foi votado à unanimidade desta Casa e isso dá para a gente, sem dúvida alguma, a certeza do reconhecimento do Poder Legislativo da Bahia por essa homenagem. E recebemos ao longo do processo grandes felicitações pelos pares, por servidores desta Casa, por lideranças, por ativistas de uma luta incansada em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Do reconhecimento de que a Bahia faz, neste exato momento, através do Poder Legislativo da Assembleia Legislativa constituída à professora Lourdinha e ao professor Kabenguele.

(Lê) “Nascido em Bakwa Kalonji, em junho de 1940, o antropólogo e professor congolês Kabengele Munanga é especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se à questão do racismo na sociedade brasileira. Munanga é graduado pela Universidade Oficial do Congo (1969) e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1977).

Membro do povo Luba, aos dez anos deixou a aldeia para estudar em outras cidades, em escolas coloniais católicas. Em 1964 ingressou no curso de Ciências Sociais da Universidade Oficial do Congo, em Lubumbashi, inscrevendo-se dois anos depois no recém-criado curso de Antropologia. Ao terminar a graduação em 1969, foi convidado para fazer mestrado na Universidade de Louvain, na Bélgica.

Retornou ao Congo para terminar sua tese, mas não pôde concluí-la, pois o domínio político da ditadura da recém-criada República do Zaire sobre a universidade o impediu.

Chegou ao Brasil por convite do professor Fernando Mourão, da Universidade de São Paulo, onde terminou seu doutorado e retornou ao Congo.

Em 1980 estabeleceu-se no Brasil para assumir a cadeira de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No ano seguinte, mudou-se definitivamente para São Paulo. Foi professor de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, vice-diretor do Museu de Arte Contemporânea,

diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia do Centro de Estudos Africanos da USP. Também já participou como palestrante convidado em diversos congressos e seminários baianos, incluindo duas atividades na Assembleia Legislativa da Bahia, palestrante na sessão especial do Dia da África (2014) e palestrante na comemoração dos cinco anos de instalação da UNILAB no Brasil e um ano na Bahia.

Atividades realizadas pelo nosso mandato. A quem nesse exato momento também aproveito para agradecer pela intensa contribuição dada a esses dois eventos.

Munanga acumula ainda os títulos de sócio-correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, além de, atualmente, lecionar como professor convidado da universidade Federal do Recôncavo Baiano.

Por sua trajetória e escritos acadêmicos, o professor Kabengele Munanga é um referencial importante na formação política de diversas entidades do movimento negro baiano e brasileiro. Por ser esse referencial, é um enorme prazer poder reconhecer todo o seu trabalho e dedicação à luta contra o racismo, na construção identitária do povo negro e da Diáspora Africana, concedendo-lhe neste momento o título de cidadão baiano com muita satisfação.”(Palmas)

Professor, a gente vai ter um segundo momento onde entregaremos o real título, já que são 2 títulos vou aproveitar para fazer a sequência, mas reafirmar, professor, que eu apenas fui o instrumento para conduzir esta honraria ao senhor. Este momento foi construído por um conjunto de pessoas, instituições e entidades, com as quais quero neste momento dividir essa satisfação com que estou conduzindo este ato.

(Lê) “Maria de Lourdes Siqueira, mais conhecida como professora Lourdinha, aqui presente, nasceu na cidade de Codó, Maranhão, filha única de uma família que residia em uma comunidade remanescente de quilombo. Não me proponho aqui verbalizar toda sua biografia, mas ressaltar aspectos e atuações que justificam nossa homenagem a esta mais nova e ilustre cidadã baiana. De pronto posso adiantar a conclusão: Maria de Lourdes possui uma trajetória pessoal e intelectual que se constituiu de Codó para o Mundo – uma atuação que se dá em espaços como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Brasília, Paris, Londres e África do Sul –, honrando a tradição de múltiplos trânsitos que acompanham a vida dos afrodescendentes desde muitos séculos.

Iniciou a carreira como professora primária, em terras maranhenses. Coursou Pedagogia e continuou dedicada à atividade de produzir e fazer circular ideias e conhecimentos. A escolaridade sistemática não lhe afastou de suas origens. Mas a fez utilizar as ferramentas intelectuais obtidas para contribuir na formação escolar e política de trabalhadores rurais através do cumprimento de uma agenda política ativa: trabalhou no INCRA, na EMATER e sua voz de mulher negra tem assim ecoado em diversos espaços de jovens, de trabalhadores e trabalhadoras, e também de acadêmicos neste Brasil e no mundo. Acrescenta-se à lista as aulas e coordenação pedagógica na escola Mãe Hilda, participação nos seminários temáticos sobre história e cultura de países da África e da diáspora, destinados a compositores do Ilê, organização de seminários e de Cadernos de Educação para educadores da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê onde tem atuado como diretora constituem

alguns exemplos de suas atividades. Vale ressaltar que o Ilê é uma de suas paixões. (Palmas)

Passo a passo Lourdinha foi construindo uma vida de mestra dedicada e cuidadosa, intelectual e pesquisadora internacionalmente conhecida, estudiosa de questões relativas à história, vida, religiosidade, atividades intelectuais e culturais de afrodescendentes e de pessoas de países africanos; militante de direitos humanos e das lutas contras as desigualdades sociais e étnico-raciais.

Certa que a intelectualidade precisa se exercer em vários campos da vida, protestou contra o regime autoritário da ditadura militar brasileira, foi uma das muitas vítimas do tenebroso período na história do Brasil de 1964. Exilada política no México, depois da anistia retornou ao Brasil e com denodo e garra reorganizou sua vida, para nossa felicidade, na Bahia. Foi professora de Inglês em um dos grandes colégios particulares de Salvador, concluiu o curso de Mestrado em 1986, o doutorado em 1992, e em 1995 inicia a docência universitária na Universidade Estadual de Feira de Santana e posteriormente na Universidade Federal da Bahia, na Faculdade de Administração, e na FAGED de onde se aposentou recentemente.

Fora da Universidade, também exerceu cargos de confiança na Fundação Palmares e no Ministério da Cultura, tendo por meta sempre a dedicação, responsabilidade e empenho no exercício das funções que lhe eram atribuídas.

Autora de mais de sete livros, seus textos assenhoram-se do tempo para convertê-lo em memória e escrever a vida, compõem a história e memórias passadas e presentes dos afro-brasileiros. Lourdinha possui ainda dois pós-doutorados, um em SOAS, em Londres e outro na África do Sul.

A produção intelectual da professora Maria de Lourdes tem visado interferir nas produções discursivas e não discursivas referentes à história, vida e cultura de pessoas afrodescendentes no sentido de evidenciar e agenciar de nossos antepassados, e a nós mesmos, com o objetivo de entender e modificar a realidade que viviam e em que vivemos.”

Neste momento, a Bahia a reconhece como baiana. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Solicito a Lindinalva de Paula que possa fazer alguns registros de presenças.

A Sr^a Lindinalva de Paula:- Boa-tarde a todos e a todas. Agradeço imensamente a participação e a presença de todos e todas.

Registro a presença, pedindo a benção à ialorixá Ideuliz dos Santos. Saudando a ialorixá, eu saúdo toda a família do Ilê Aiyê e agradeço pelas presenças dos diretores, professores, músicos, dançarinos, educadores, alunos, todos nós, família Ilê. Muito obrigada. (Palmas)

Registro a presença da Sr^a Maria Francisca, da Associação dos Terreiros de Candomblé; Dona Rosângela Cardoso, Identidade Brasil, de Cachoeira; Marinalva Dias, Fundação Casa Paulo Adorno Dias, de Cachoeira; Nídia Maria dos Santos, do

Ilê Opô Afonjá; Luiza Júnior. E saúdo a presença do movimento negro, principalmente o MNU; Elizângela Santos, Terreiro do Bate Folha; Sociedade Protetora dos Desvalidos; Grupo Tortura Nunca Mais; Sr. Almir Mendes, coordenador da Pastoral Afro – Caapa; Paulo Cambuí, Bloco da Liberdade; Catarina Valéria, aqui com a caravana Carolina Maria de Jesus; Julce Silva, diretora do Instituto Cultural Steve Biko; Alaíde e Camila França, bloco Alvorada; Diogo, representando a APNs; Maria Rodrigues, editora-chefe, Nação Nasa Edições; a nossa ex-ministra Nilma Lino Gomes (Palmas). Para nós que sofremos o golpe, aqui não haverá a buzina, eterna ministra. (Palmas)

Nosso querido deputado Luiz Alberto, que também será nosso eterno deputado federal; representando a CCPI, a Secult, Cristiane Taquari; Mário Rezende, ex-secretário nacional de Política de Promoção da Igualdade e professor da UF de Sergipe.

Depois eu continuo, Bira, porque tem muito mais.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Assistiremos agora à apresentação cultural com Paulinho da Akomabú.

O Sr. Paulinho da Akomabú:- Boa-tarde, boa-noite, a gente quer colocar, primeiro, para vocês gravarem: o nome do nosso bloco chama-se Akomabú, uma palavra que significa “a cultura não deve morrer”. Em dialeto, é o nome do nosso bloco, que é ligado sempre à cultura negra lá do nosso Estado, Maranhão. Nós, muito respeitosamente, fomos convidados pela nossa professora e estamos aqui com muito orgulho. E vamos fazer uma música que a gente compôs em homenagem a esse bloco mãe de todos os blocos, que também abraçou a nossa Mãe Lurdinha quando chegou aqui na Bahia. (Palmas)

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, assistiremos a um vídeo em homenagem ao professor Kabengele Munanga.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Assistiremos agora a primeira parte do vídeo em homenagem à professora Maria de Lourdes Siqueira.

(Exibição do vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, solicitamos a Lindinalva de Paula que faça mais uma parte dos registros.

A Sr^a Lindinalva de Paula:- Agradecer a Mel Adún; a Guellwaar Adún, da Editora Ogum's Toques Negros; ao Sr. Camilo Afonso, adido cultural da Casa de Angola na Bahia; à Sr^a Uiara Lopes, que está aqui representando a secretária de Políticas para as Mulheres, Olívia Santana; ao Sr. José Cavalcante, da Academia Maçônica de Letras da Bahia; ao Sr. Ronaldo Barros, ex-secretário da Seppir; à Sr^a Célia Ramos, coordenadora da Fundac; a Elísia Nascimento, do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros (Ipeafro); ao Sr. Cláudio Rodrigues dos Santos, coordenador executivo de Políticas para Povos e Comunidades Tradicionais da Sepromi; a Maria Auxiliadora dos Santos Góia, a nossa empresária; ao Sr. Clarindo

Silva, da Cantina da Lua (palmas); a toda a família, amigos e parentes dos homenageados (palmas); ao professor Paulo Gabriel, da Universidade do Recôncavo; ao professor Nilo Rosa dos Santos, e saúdo toda a família do Movimento Negro Unificado aqui presente (palmas); ao Sr. Evilásio Bouças; à Sr^a Rita de Cássia, pró-reitora de Graduação da UFRB; a Sr^a Tatiana Veloso da UFRB; o Sr. José Marcelo dos Reis da Universidade do Recôncavo; a Sr^a Elísia Lins, pró-reitora de Graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz; a Sr^a Petrolina Beatriz Gonçalves da Universidade Federal de São Carlos (palmas); a Sr^a Fátima Santiago do IFBA; a Sr^a Terezinha Gomes da Uneb; a Sr^a Tainá Pereira da Universidade Estadual de Feira de Santana e o Sr. Amílcar, professor da UCSal.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, para se pronunciar, a secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, que, neste ato, representa o governador Rui Costa.

Justificando, estamos, neste momento, fazendo uma quebra do protocolo tendo em vista que, em sessões de outorga de títulos, só se pronunciam o homenageado e o proponente. Mas, neste caso especial, a Dr^a Fabya representa, aqui, o governo do Estado da Bahia.

E é com muita satisfação que a ouviremos agora. (Palmas)

A Sr^a FABYA REIS:- Boa-tarde todos e todas.

Início pedindo licença à nossa ancestralidade nesta tarde encantada.

Gostaria de saudar, inicialmente, o deputado Bira Corôa, a quem cumprimento por nos possibilitar este momento histórico. Quer pedir licença aos demais da Mesa para cumprimentar, também, a professora Lourdinha, nossa querida cidadã baiana, e o professor Kabengele, nosso cidadão baiano.

Trago o abraço do governador a esta sessão.

Gostaria de dizer que, para nós, o povo baiano, já contávamos com toda a contribuição e o percurso histórico, porque esta é uma tarde de festa e esta é uma tarde de reconhecimento. É o reconhecimento, nesse rito de passagem, em que essas duas personalidades negras, fortes, resistentes cumpriram ao escrever, na história do povo baiano, uma contribuição incomensurável.

A força, professora Lourdinha, e a força do senhor, Prof. Kabengele, mostram isso, porque chegam a este Estado, juntam o conjunto da força da trajetória de vida e reinventam uma epistemologia para pensar a nossa construção de conhecimento a partir das nossas vivências.

Das nossas vivências reconhecidas aqui hoje nas presenças de todas essas pessoas, que têm um sentido, com certeza, na vida dos senhores, da senhora e do senhor, e que são amigos, são companheiros de lutas, são familiares e que escrevem uma força a todo custo. E a coragem dessas duas grandes personalidades em enfrentar o racismo estrutural e chegarem onde chegaram, fazem a contribuição para que nós pudéssemos pensar outros marcos civilizatórios. Então, não é pouca coisa.

Gostaria de dizer que este rito de passagem já se cumpriu por toda doação, por

toda a garra e por toda a coragem dos Srs. Professores Lourdinha e Kabengele.

Então, eu gostaria de dizer aqui que nós estamos entre os nossos. O povo negro da Bahia e o povo negro do mundo se levantam e se insurgem contra o racismo e contra o combate à intolerância religiosa.

Quando tenho oportunidade de ler a nossa produção, percebo que nos reconhecemos e nos vemos. Deslocamos o pensamento para uma outra possibilidade de construção a partir das nossas histórias e memórias. Assim, questionamos um pensar viciado da “eurocentricidade.”

A contribuição desses cidadãos baianos fica marcada nesta solenidade hoje pelo grande reconhecimento desta sala cheia. À nossa ex-ministra Nilma, meus cumprimentos. (Palmas) Ao nosso deputado Luís Roberto, meus cumprimentos, porque constrói, também conosco, do lugar de onde falamos hoje.

Professora Lourdinha, se podemos falar hoje em nome do governador, enquanto secretária da Promoção, é porque muitos dos nossos companheiros arregaçaram as mangas e lutaram para que tivéssemos uma Seppir nacional, para que nós tivéssemos uma Sepromi e para que nós tivéssemos um estatuto.

E, como bem disse o professor Kabengele, as leis são importantes mas elas não mudam, por si só, a mentalidade de um povo. São importantes os processos e os trabalhos construídos, porque trazem a força da organização coletiva, a força das nossas histórias e de um conjunto dos movimentos. Assim, de fato, mudamos mentalidades.

Que, cada vez mais, possamos construir ferramentas de enfrentamento ao racismo e ferramentas de combate à intolerância religiosa. Dizemos isso, porque o racismo não surgiu hoje. Mas há a necessidade de pensarmos a contemporaneidade de como vamos construir outros marcos e esses passam, sem dúvida, pela forma de produção de conhecimento.

E o conjunto de contribuição desse cidadão e dessa cidadã muito nos orgulha hoje por ter a professora Lourdinha e o professor Kabengele como irmãos e cidadãos do mundo e cidadã e cidadão baianos. Hoje, seguramente, queremos ouvir muito mais e, de maneira mais alongada, os nossos homenageados.

Para mim particularmente, é uma honra poder representar o governo do Estado da Bahia neste momento histórico e neste momento, como já disse, de reconhecimento e de resgate da força do nosso povo negro nessas duas personalidades que todos nesta sala aqui amam, cuidam e querem, cada vez mais, pertinho de todos nós.

Então, sejam bem-vindos recém-nascidos baianos, mas com histórias ancestrais muito bem fincadas nesta terra.

Desejo uma celebração maravilhosa para todos nós.

Um grande abraço!

Boa-tarde a todos e a todas!

Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Assistiremos, agora, à segunda parte do vídeo em homenagem à professora Maria de Lourdes Siqueira.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar a presença do Dr. Evanilson Santos da Silva, desembargador do Tribunal de Justiça. (Palmas) Registramos também a presença da Sr^a Inaldete Pinheiro de Andrade, fundadora do Encontro de Negros do Norte e Nordeste.

Nesse momento faremos a entrega dos títulos aos homenageados, professor Kabengele Munanga e a professora Maria de Lourdes Siqueira.

Convido para fazer a entrega dos títulos Irene Kabengele, esposa do homenageado; também convido o professor Antônio Cosme Lima, coordenador executivo de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Ceprome; convido ainda Ana Hélia Regina Almeida Silva, da Escola de Administração da UFBA; convido o professor Luiz Márcio Santos Farias, idealizador do projeto, junto ao gabinete, e professor da UFBA; convido Maria José Moreira, membro da família da professora Lourdes Siqueira; convido Nilma Lino Gomes, a nossa sempre ministra do Ministério das Mulheres e da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

Quebro o protocolo para dizer que não será mais um golpe que tirará do povo brasileiro o direito da democracia.

Agora, passo às mãos do professor Kabengele Munanga e da professora Maria de Lourdes Siqueira, o Título de Cidadão e Cidadã Baianos, que lhes concede a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Pausa)

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Tenho a satisfação de passar a palavra à Prof^a Maria de Lourdes Siqueira, a mais jovem baiana.

A Sr^a MARIA DE LOURDES SIQUEIRA:- É uma alegria muito grande, mas eu vou seguir o protocolo cumprimentando o senhor proponente da sessão especial, professor, deputado Bira Corôa; a Senhora secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, representante do Sr. Governador do Estado da Bahia, Rui Costa; Senhor diretor da Escola de Administração, Prof. Horácio Nelson Hastenreiter Filho (conheço o filho e o pai, o nome só é difícil de pronunciar); representante do reitor da Universidade Federal da Bahia, Prof. João Carlos Salles Pires da Silva, faço uma ressalva que é o diretor da escola pela qual me aposentei; Senhor Reitor da Universidade Federal do Recôncavo; Senhora vice-reitora da Universidade Federal do Recôncavo, Prof^a Georgina Gonçalves dos Santos; Senhor fundador da Universidade do Estado da Bahia e ex-coordenador de pós-graduação em educação da UFBA, Prof. Edvaldo Boaventura; Senhora ex-presidente da Liga Brasileira de Direitos Humanos e membro da diretoria do Comitê de Anistia (CBA/RJ), Maria de Lourdes Ferreira Goulart – essa tenho que dizer, é minha colega de Liceu (risos); Senhora ex-

professora, reitora de graduação da Universidade Federal do Maranhão e ex-secretária de Educação, Maria da Conceição Brenha Raposo; Sr. Fundador e primeiro presidente da Fundação Cultural Palmares e secretário nacional de Justiça e Paz na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dr. Carlos Moura, meu presidente; Sr. Presidente do Ilê Aiyê, Antônio Carlos do Santos, Vovô, meu presidente; Sr. Homenageado, professor Kabengele Monanga, meu irmão ancestral. Ele diz que sou a irmã mais velha e ele é o meu ancestral mais jovem. (Palmas)

Vou cortar muita coisa e dizer poucas palavras. (Lê) “É uma grande honra e uma ímpar felicidade para a minha alma contemplar todas as presenças e representações que, neste momento, aqui na Assembleia Legislativa da Bahia, constituem este universo de beleza, como se diz no Ilê Aiyê. É com essa alegria que louvo e agradeço a todas as pessoas, entidades, amizades e familiares que estão contribuindo para a grandeza desta celebração cívico-cultural-político-religiosa, proposta pelo Sr. Professor Deputado Bira Corôa.

O professor Bira Corôa, deputado, nos honrando com esta iniciativa, realiza uma continuidade do seu trabalho, de sua trajetória, que tem o respeito e a consideração do movimento negro, do movimento social organizado, dos organismos de promoção de políticas de igualdade racial, do sindicato dos professores e de todas as pessoas que militam por transformações estruturais da sociedade brasileira, para torná-la mais justa, humana, solidária e igualitária.

Tudo aqui é prêmio. A Mesa que preside e anima os trabalhos desta cerimônia incorpora amizades, respeitabilidade, reconhecimento, admiração, referências que eu compartilho com todas as pessoas e representações, aqui, neste espaço. Todos constituem a Mesa, professor Amilcar Baiardi”.

Eu tinha enumerado para fazer uma saudação a cada uma das pessoas da Mesa, mas vou me poupar, porque já foram nomeadas e o tempo urge.

Eu começaria prestando uma homenagem *in memoriam* a minha mãe, que, com certeza, está aqui.

Eu tenho muita satisfação e saboreio o orgulho de ouvir o que as pessoas dizem de minha mãe. Pessoas com as quais ela conviveu na Matinha, onde nascemos, nos Matões dos Moreira, minha família materna, em Codó, em São Luís, no Rio de Janeiro, e por onde ela passou. Ela transitava nos diferentes espaços com uma sabedoria e ternura que cativava e impressionava as pessoas.

As tradições de minha família, meu pertencimento étnico-racial à comunidade onde nasci, no Quilombo dos Matões dos Moreira, município de Codó, Estado do Maranhão, definem e reforçam no dia a dia o meu compromisso com os processos de construção de minha identidade e minha consciência negra.

É com essa disposição para a luta que tenho encaminhado meus passos, engajada em processos de busca de direitos e igualdade no interior da sociedade brasileira. A minha trajetória tem a contribuição e se constitui desde a Juventude Estudantil Católica, a Juventude Universitária Católica, o Movimento de Educação de Base, o Crefal – está presente aqui uma representante de um curso que fizemos no

México, em 1967 –, a UEFS – fiquei muito feliz de ter uma representação da UEFS. De fato, foi a UEFS a primeira universidade onde trabalhei como professora universitária. A Ematerba – Dr. Abdon Jordão, professora Eliete, professora Dulce Maria Burgos – me acolheu pelas mãos da professora Lia Teresinha Bianchi dos Reis, que me oportunizou, através do Dr. Antônio Manuel Freire de Carvalho, o meu primeiro emprego, quando decidi que não tinha *status* para ser exilada política. Resolvi entrar no Brasil com pura coragem, com o apoio de um grande amigo, uma figura ímpar, *in memoriam*, François Marie de Lespinay. (Palmas)

Essas tradições, esses compromissos me ajudam a cultivar o gosto pelo saber agradecer, entre dons e reciprocidades. É neste sentimento que reconheço aqui pessoas que estão contribuindo para que esta festa esteja acontecendo. Refiro-me muito especialmente ao professor Dr. Luiz Márcio Santana Farias. Ele concebeu essa ideia, pediu ao professor Cosme, nosso amigo, parceiro de movimento negro, que encaminhou à Sepromi, e a Sepromi solicitou a generosidade do professor deputado Bira Corôa. E é assim que essa cerimônia acontece. (Palmas)

A entrega do Título de Cidadã Baiana a mim e ao professor Kabengele Munanga, e com tantos apoios, nos dá a satisfação de dizer agora: a hora chegou.

Tenho um agradecimento muito especial a uma pessoa que me apoia e contribui para a realização de tudo que faço em termos da minha militância, da minha intelectualidade, do meu trabalho na universidade, do meu trabalho nos movimentos sociais e no movimento negro. Essa pessoa se chama Ana Hélia Regina Almeida. (Palmas) É uma das pessoas mais discretas que conheço e que dá força, anima.

Foi em 1974 que cheguei à Bahia, vivi na Boca do Rio em tempo de grandiosidade. Eu detalharia muito esse tempo na Boca do Rio, mas vejo que tem muita gente para falar. Mas foi em 1974 que vi o Ilê passar. Senti que aquele grupo me apontava um recomeço de vida, uma nova direção. E lá aprendi a repetir: “Ah, se não fosse o Ilê Aiyê”. Porque no Ilê Aiyê, meu presidente Vovô, tudo se modifica. (Palmas)

Amigos aqui presentes e representados estiveram sempre comigo em todos esses tempos e lugares, aos meus lugares de trabalho aqui na Bahia, do Colégio Antônio Vieira, à Ematerba, ao INCRA, à UEFS e à Universidade Federal da Bahia. É um reconhecimento, sobretudo, pela oportunidade e acolhimento.

A minha religiosidade negra de matriz africana se realiza com a minha confirmação de ekedi de Xangô, em agosto de 1975, Ilê Axé Opô Aganju, aqui representado pela queridíssima Nídia, ebomi Nidinha. Aproveito para agradecer a presença de todas as entidades, mas abro um espaço muito especial às entidades de matriz africana, que correspondem ao meu compromisso maior no processo de construção da minha identidade. E nesse processo de construção de identidade, tenho que fazer referência a uma presença que tive alegria quando vi aqui: Marcelino Gomes de Jesus. (Palmas)

Foi uma pessoa que teve a intuição de que eu deveria ter um pertencimento religioso mais sério, mais comprometido, e eu assumo esse compromisso com a minha alma e comigo mesma. Eu sou uma pessoa de axé, sou uma pessoa de matriz

africana, tenho uma terreiro de pertencimento e eu vivo a minha dimensão religiosa de matriz africana que eu tento levar aonde eu vou, em tudo que eu faço. O meu pai de santo é o Sr. Babalorixá Balbino Daniel de Paula, ele confirmou que a dona da minha cabeça vem de Oxobô, na África, e é responsável pelo domínio das águas doces, Oxum. (Palmas)

A Fundação Cultural Palmares me deu a oportunidade de concretizar um processo de trabalho profissional, com opções político-cultural-étnico-racial-religiosas. Agradeço profundamente ao Dr. Carlos Alves Moura por esta oportunidade.

O Conselho Nacional de Promoção de Políticas de Igualdade Racial, o CNPIR, oportunidade privilegiada que eu agradeço, de coração, à minha ministra Nilma Lino Gomes, uma bela continuidade. (Palmas)

Eu não posso citar tudo que eu fiz, todas as pessoas, porque o tempo não me permite, mas digo que a Ematerba foi meu tempo de imersão no Estado da Bahia. Eu estive presente às atividades de formação de técnicos moradores de zonas rurais, engajados em projetos de extensão agrícola, na Bahia inteira e por um bom tempo. E foi através da Ematerba que eu fui conhecendo a Bahia – Feira de Santana, Itaberaba, Jacobina, Mundo Novo, Rio de Contas, Livramento – a propósito, a professora Teresinha, de Rio de Contas, se encontra? Eu momento eu ainda não a vi –, Bonfim, Jequié. Em Vitória da Conquista, eu encontrava com a minha amiga muito especial Dulce Maria Burgos, (palmas) que contribuiu também para esta sessão.

Eu não vou mais enumerar, não vou mais citar. O INCRA foi um ponto de partida, um desafio para tantas mudanças nesse nosso desejo de contribuir com o projeto de reforma agrária. O MNU, professor Ronaldo Barros, Movimento Negro Unificado, professor Hélio Santos, comecei por um congresso nacional em Minas Gerais, onde conheci muitas lideranças do País inteiro, a partir de um convite de minha, hoje, comadre Jane Bernadete.

Saí de ônibus de Brasília – essas coisas eu ia saltar, porque tenho que abreviar aqui – para Belo Horizonte para participar desse congresso, mas eu ficava muito quieta, havia muitas coisas que não me permitiam contar muito a minha vida nem muito a minha história, eu ficava num canto. E nesse sentido tenho a alegria de registrar e agradecer um prefácio belíssimo que a professora Ana Célia escreveu num livro produzido, concebido e realizado pelo professor Luís Márcio.

E foi passo a passo que, por uma proposta do nosso eterno deputado Luiz Alberto, cheguei à coordenação executiva nacional do MNU, junto com Ronaldo Barros, professor doutor Nilo Rosa, Geni Santos, Edmilton, Rainha, Nei, e todas essas pessoas me faziam acertar o passo nessa coordenação.

Eu teria e tenho muito mais agradecimentos a fazer a todos. Eu não posso olhar porque vou ter que agradecer a todo mundo. Olhei agora o professor Jelton e a professora Eulália, que são meus amigos e me ajudam muito em circunstâncias muito especiais. Agora não vou mais fazer nenhuma citação, porque é hora de encerrar.

Eu quero dizer: professora Petronília, a senhora sabe do meu respeito, da minha

admiração, professora Glória Moura, a senhora também sabe, mas não posso deixar de dizer que a professora Amélia Vitória Conrado foi a minha primeira orientanda de papel escrito. (Palmas) Foi ela quem, realmente, chegou e disse: “Professora, a senhora assina aqui para ser a minha orientadora?” Eu tomei um susto, mas assinei e continuamos essa trajetória.

Estão aqui o professor Elias, que é uma honra para a Academia Brasileira, atualmente pró-reitor da Universidade de Santa Cruz; a professora Durvalina, está assim no alto, lá em cima, é uma intelectual de peso, eu tenho também a honra de dizer que foi a minha orientadora, somos amigas e nos acompanhamos muito.

Nessa trajetória de construção do conhecimento de um ponto de vista africano e afro-brasileiro, que fique bem claro: nós gostamos muito da cultura, da religiosidade e da ciência, a que vem da África, porque lá também tem uma ciência. (Palmas) Nós não negamos o conhecimento ocidental muito bem representado por tanta gente nessa Mesa, mas eu escolho a professora Maria da Conceição Brenha Raposo, uma intelectual de peso e medida, lá da minha terra. Ela sabe que eu tenho respeito pelo conhecimento ocidental, mas eu busco um caminho para construirmos um conhecimento novo que parta das sociedades africanas. Romilson, intelectual de peso, vejo ali – não vou mais citar –, Augusto... (Risos) E eu encerro com o professor Edivaldo Boaventura, agradecendo: professor, o senhor nos deu uma contribuição muito especial, sem o senhor nós não teríamos realizado menos da metade de tudo que fizemos.

Senhores diretores e senhoras diretoras do Ilê Aiyê: os senhores constituem para mim uma honra, uma referência e uma segurança nessa busca do meu caminho de identidade negra. Doné Hidelice, a senhora sabe do respeito que lhe tenho, pela continuidade que a senhora representa aos trabalhos do Ilê Axé Jitolu, cuja fundadora é a nossa mãe maior, a ialorixá Hilda Dias dos Santos Jitolu. (Palmas)

Muito obrigada. (Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao professor Kabengele Munanga.

O Sr. KABENGELE MUNANGA:- Boa-tarde a todas e a todos. (Lê) “Minha fala é sem dúvida de grande emoção e agradecimento às pessoas que, de uma maneira ou outra, indicaram e recomendaram meu nome para receber este título de cidadania baiana. Inicialmente gostaria de agradecer ao Deputado Bira Corôa pelo fato de ter me convidado, alguns anos atrás, para proferir nesta Casa uma conferência em comemoração ao dia da África, que acontece anualmente no dia 25 de maio. No ano passado e quase na mesma data, o referido Deputado em conjunto com a Reitoria da UNILAB e o campus UNILAB do Malê em São Francisco do Conde, me convidaram igualmente para proferir uma conferência no ato público de comemoração de cinco anos da UNILAB e um ano da criação do Campus do Malê. Hoje, novamente, ele está presidindo esta cerimônia cujos sujeitos agraciados somos eu e a Professora Maria de

Lourdes Siqueira. Nosso muito obrigado, meu muito obrigado, Deputado Bira Corôa.

Quero cumprimentar e agradecer a todas as pessoas presentes, meus familiares, amigos, amigas, colegas que sacrificaram suas atividades, seus compromissos de hoje para nos prestigiar neste momento único em nossas vidas. Algumas pessoas vieram de longe, de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, estou vendo à minha frente a professora Nilma Lino Gomes, minha amiga, nossa amiga, ex-ministra da Seppir, de Direitos Humanos e Mulheres; estou vendo a professora Petronilha Beatriz Gonçalves, que veio do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre provavelmente; a professora Glória Maria que veio de Brasília; e a nossa querida Eliza Elaki do Nascimento, que veio certamente do Rio de Janeiro. Eu gostaria, através delas, de saudar a todos e a todas.

Estou vendo aqui essa Mesa oficial composta de pessoas cujos encontros me fizeram crescer como ser humano e como intelectual. Poderia fazer um pequeno discurso de agradecimento a cada uma delas, mas, infelizmente, o tempo não nos permite. Por isso através do professor Sílvio Luiz de Oliveira Soglia, Magnífico Reitor da UFRB, meu reitor, e da professora Georgina Gonçalves dos Santos, Magnífica Vice-Reitora da UFRB, minha vice-reitora, agradeço a todos e a todas, com a certeza de que sou um eterno devedor diante delas e deles. Costumo afirmar que minha vida durante os meus 41 anos no Brasil é uma espécie de valsa, um pé à frente na academia universitária, o outro atrás na militância intelectual negra.

Na academia aprendi os conceitos e as teorias, e na militância me ensinaram a verdadeira e autêntica situação do negro neste País. Sem o concurso de uma e do outro, não seria essa pessoa que sou. Quero por isso cumprimentar os meus colegas e minhas colegas da Academia presentes neste auditório. Como não posso nomear todos, quero apenas citar o nome do professor Edivaldo Boaventura, Professor Emérito da UFBA, que foi um dos primeiros a me abrir as portas da Faculdade de Educação da UFBA para examinar teses de doutorados e dissertações de mestrado, proferir palestras e conferências junto com a professora Maria de Lourdes Siqueira.” (Palmas) Essa iniciativa não morreu porque jovens professores, como Maria Cecília de Paula, aqui presente, continuam a me convidar na Faculdade de Educação, seguindo o exemplo do professor Edivaldo Boaventura.

“Na militância intelectual negra, tenho orgulho de ter me aproximado tanto dos homens como das mulheres e aprendido com todas e todos. Não vou me arriscar para citar alguns nomes e esquecer outros, mas posso me permitir cumprimentar todas e todos através dos saudosos Abdias do Nascimento e Luiza Bairos, ex-ministra da Seppir que muito recentemente foi para o mundo do Orum.

Que coincidência receber o título da cidadania baiana junto com a professora Maria de Lourdes Siqueira! Ela foi uma das primeiras pessoas que conheci quando pisei o solo de Salvador em dezembro de 1975. Me lembro que, naquela altura, ela e os saudosos Pierre Verger e padre François De L'Espinay, que se tornou também meu querido amigo, levaram a mim e ao professor Olabiyi Yai, ex-embaixador do Benin junto à UNESCO, para conhecer o Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opo Agantu, do pai de santo Balbino. Desde então nos tornamos amigos e finalmente passamos a nos

tratar como irmão e irmã, e ela se tornou tia de meus filhos...”

Quando em nossos debates acalorados sobre a nossa situação, muitas vezes, ela aumenta o tom da voz, eu abaixo o meu, como manda a minha tradição cultural.

“(...) Obrigado, Lourdinha, por ter me ensinado tantas coisas sobre a Bahia e o Brasil durante estes 40 anos de convivência. Quem de nós poderia imaginar que estaríamos hoje submetidos, juntos, a este ritual para receber o título de cidadania baiana? Que coincidência!...”

Que coincidência que a Bahia nos adota como filha e filho no mesmo dia e mesmo ato. Que coincidência, eu e Irene – minha mulher, aqui sentada – nos casamos nesta cidade em 13 de janeiro de 1979, no Fórum Ruy Barbosa.

“(...) E a primeira vez que abri o sorriso por ter me tornado avô, título muito importante na ancestralidade africana, meu primeiro neto nasceu baiano. Depois veio a irmã dele. Estão ali sentados. Agora posso dizer para ele e para ela, com muito orgulho, que eu também sou baiano; que me tornei cidadão do coração da diáspora africana nas chamadas Américas. Viva a Bahia, região mais africana do Brasil e da América do Sul.”

Obrigado por ter me aceitado, simbolicamente, como seu cidadão. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Logo mais, após este ato, no salão dos ex-presidentes, aqui ao lado, felicitaremos com um coquetel e, também, fazendo o lançamento do livro sobre Maria de Lourdes Siqueira e Kabengele Munanga, cidadãos daqui, cidadãos dali, cidadãos do mundo. (Palmas)

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença dos deputados estaduais, federais, das autoridades civis, militares, dos amigos, das senhoras, dos senhores, da Imprensa e declaro encerrada a presente sessão, sob o som da Banda Ilê Aiyê e Akomabu. Aproveito para agradecer e dizer que nada na Bahia seria tão significativo sem a passagem do Ilê.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.